

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



NO CONFÓRTO DO LAR, PELOS PASSEIOS PÚBLICOS E EM ROMAGEM PELOS CERTAMES DE ARTE, SEMPRE JUNTOS, COSTINHA E LUISA DURÃO IRRADIAM A SIMPATIA, O PRESTÍGIO E A ALEGRIA QUE TRANSPORTAM AOS PALCOS PORTUGUESES.

ANO V-N: 211 31 DE MAIO DE 1945
PREÇO AVULSO 1580



**UM ACIDENTE !
POR LONGOS
MÊSES O TRABALHADOR FICA IMPOSSIBILITADO DE TRABALHAR E A FAMÍLIA SEM RECURSOS...**

**SEJAM PREVIDENTES!
ASSEGUREM-SE E ASSEGUREM OS SEUS OPERÁRIOS CONTRA OS ACIDENTES PESSOAIS NA**

**PORTUGAL PREVIDENTE
SEGUROS EM TÓDOS OS RAMOS
CAPITAL E RESERVAS 17 MIL CONTOS**

Sede: RUA DO ALECRIM, 10 - LISBOA - Telef.: 2 4030
Delegações: PORTO - COIMBRA - BRAGA - FARO

¡Desportos!

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.



A força e resistência combativas demandam músculos sólidos e potentes



A precisão dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias



A agilidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos



A elegância de movimentos require a máxima elasticidade

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restitui-lhe o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.



O equilíbrio e a velocidade em baixas temperaturas produzem um maior gasto de energia



A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado

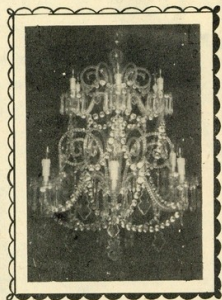


O impulso e o domínio requerem uma perfeita coordenação nervosa

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero
A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero
SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

*** LUSTRES ***



APLIQUES * CASTIÇAIS * ABAT-JOURS * CANDELABRÓS * CANDIEIROS DE MESA * RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (Á R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20495



CASA José Costa
RÁDIO

RUA DE S. PAULO, 11-13/LISBOA/TEL. 2 4888

UM PROBLEMA QUE RESOLVIA MUITOS PROBLEMAS

A dose quilómetros a oeste da cidade, fica o célebre Pinhal de Leiria a que se liga quasi sempre o nome do Rei Dom Diniz com seu fundador, mas cuja fundação remonta ao reinado de Dom Sancho I, secundado por D. Sancho II, em 1240, e fortemente desenvolvida por Dom Diniz, em 1290. A sua área estende-se por 12.000 hectares, com 18 quilómetros de comprimento (algumas cercaduras dão-lhe 24 quilómetros) por 7 na sua maior largura (ou 12 para os que dão os 24 de comprimento). Estes números pouco interessam para o fim desta ligeira notícia.

O que se quer fixar, em primeiro lugar, é que havia aqui, paralela à costa marítima, desde a freguesia de Carvide, um vastíssimo areal estéril e improdutivo que se transformou completamente pelo impulso de alguns esforços conjuntos, numa rendosa mata de pinheiros que produziu todos estes benefícios resultados:

a) Evitou que nuvens de areia, apolizadas pelo vento, invadissem as terras de cultura que lhe ficavam próximas e lhes prejudicassem as sementeiras.

b) Forneceu, quer à indústria local quer às povoações limítrofes, abundante combustível, a preços baratíssimos.

c) Foi com as madeiras do pinhal de Leiria que se construíram muitos dos navios que largaram do Tejo, a caminho do Oriente, nas nossas descobertas e conquistas pelos mares da Índia, da China e do Japão, até às ilhas da Oceania, passando pela África e demandando as Américas.

d) Devem a este pinhal a sua existência e o seu progresso a Grande Fábrica de Vidros da Marinha Grande e a antiga Real Fábrica de Resinaagem.

e) As povoações da Marinha Grande, Vilela, Garcia, Carvide, Moita, Taaíás, Amor e outras tiveram e têm, no Pinhal de Leiria, o seu desajogo e abastança, e o Estado tira dele um enorme rendimento.

Suponho que ninguém haverá que possa contradizer estas afirmações.

Ora a verdade é que, quem, por efazerza da sua vida, ou simples passeio, vai no bômbolo de Lisboa para o Pôrto, encontra no nosso litoral, alguns quilómetros para lá do Yougue, extensas dunas, tão estériles e improduttivas como era esta antes dos dois Sanchos, 1.º e 2.º, e depois D. Diniz, a terem mandado semear de pinheiros. E tu ouso perguntar porque razão ou motivo, ceguira ou desleixo, se não cuidou ainda do aproveitamento d'estes areais, ou para lhes dar o destino que teve a duna de Leiria, ou para os aproveitar como fez a Póvoa do Varzim, com a sua hoje ridente povoação de Avermore?

Sempre que vou ao Pôrto e passo meus olhos por estas extensas areais improduttivos me lembro logo do Pinhal de Leiria e da freguesia de Avermore, que eu já visitei e cuja riqueza é hoje espantosa no aproveitamento das culturas da batata, dos cereais e do vinho. E repiso mentalmente a mesma pergunta: por que se não aproveitaram tantas e tantas hecctares de areias moventes, que só produzem prejuizo quando podiam e deviam de ser há muito aproveitadas riquezas?

Há cinquenta anos Avermore não era nada. Avermore, decilicte, onde o vento agreste chicoteava as areias agressivas. Hoje, quem lá fór encontra uma povoação risonha e rica, lavradores abastados, do mais minúsculo feição, hortaliças terrissimas e vinho do melhor.

E tudo isto se fez e se conseguiu em menos de meio século! Mas demos de barato que não houve, depois de haver, genite para outra hipótese: a do Pinhal, e para a realização desta não há desculpa aceitável. Não se fez porque se não se fez, não se fez porque ainda ninguém pensou na solução d'este magnifico problema.

Aqui o espóhio é contemplação de todos quantos se interessam pelos problemas nacionaes que implicam com o bem-estar e o progresso da nossa terra e que, quando resolvidos, são óptimas fontes de receita. Simplemente necessitam que alguém os resolva, e isso já não é com o jornalista.

JOAO PAULO FREIRE



Já algumas vezes aqui e noutras secções nos referimos à impropriedade com que são feitos, em Lisboa, servícios particulares de interesse público. Na venda do leite, nas condições em que esta é realizada, especialmente, merece que se atente e tente remediar quanto constitue perigo para a população. Por essa cidade — só para nos referirmos a uma banda da capital, no Bairro das Colónias, na rua Pascoal de Melo, na rua Martin Moniz — as cenus como esta que reproduzimos são dilatas e surgem a muitas horas. A «baldeação» do leite, ao ar livre, pelos cascos, sujeito a pó e a lédias de vicissitudes, faze-se com grande extensão de bdras e nítido aspecto de feira e arrabal. Não seria, portanto, possível remediar este preceito de lutar-se o sertanejo?

AS FIGURAS DA SEMANA



ESCUPTOR ANTONIO DUARTE

moço artista da última geração que, pelo seu talento e perseverança conquistou já alto lugar, acaba de ser distinguido no último Salão das Belas Artes



ENG.º JOSÉ F. ULRICH

sub-secretário de Estado das Obras Públicas que visita ás Açores e Madeira, a fim de tomar contacto directo com as necessidades dos dois arquipélagos.

LISBOA E O VOCABULO

Há, pelo menos, cento e trinta e duas Academias em Portugal — não contando, evidentemente, com vinte e seis que redigem, apressadas, os estatutos. Se, na verdade, isto pode representar cultura — como realmente é —

te o povo com mais academias — e com menos escolas. Devia promulgar-se qualquer coisa a pôr barreira aos impetos acadêmicos... com o exame primário por fazer.

Não contentes com as Academias de Beleza, corte e costura, cabeleiros e alfaiates, de sapateiros, de T. S. F. (com anténicos cursos por correspondência) os jornais trouxeram anúncios duma nova modalidade acadêmica: a Academia de Bordar e pôr fundinhos.

Os professores são catedráticos sem borla nem capelo — mas com agulha e dedal.

Se acrescentarmos a isto as inúmeras Academias, dramáticas de Arte de Talma, de dança, de excursões, de pontapé na bola de equitação, de mergulhos no água, de pedal, de patins, fideiros com meio Português acadêmico.

Ora, isto devia ser contralado pelas entidades oficiais. Já a Câmara — louvavelmente andou por ali a ver as tabelatas com nomes estrangeiros — e levadas da bréca. O facto dum cavalleiro endinheirado tomar de trespassse qualquer coisa não o acredita como fazedor de disparates — lá porque o estabelecimento é seu. Se o homem se lembrasse de pôr,

numa elegante camisaria, «O Túmulo da Morte», ninguém tinha nada com isso.

Agora pôr numa loja de balro, como já vimos, pobres e ás môcas nomes tremendos como «Os Alpes, L.º», «O Vestívio de «Anastácio e Companhia, faz-nos sorrir de comisação. Recordamos um bom amigo, guitarrista de ouvido, tão famoso a dedilhar a banza como a soltejar o jornal que, certo dia, com o auxilio monetário de certos amigos se lembrou de abrir uma loja num vão de escada, para vender os dós e os rés em cordas — e afinar instrumentos.

Pois sabem os cavalleiros que nome queria o homenzinho dar ao minúsculo cubículo, numa escada da balça? — (e aqui para nós: teve que se fazer a tabuleta, com letras douradas, luxuosas) («O Mozart Ideal».

Pois mesmo assim. Amanhã andariam de braço dado Chopin e Beethoven, pelas ruas do Bairro Alto, soluçando o fadinho. Ora bem...

Acabemos com as Academias... porque seria serenos todos acadêmicos... sem saber ler.

Há diplomas passados por escolas superiores, com selo e tudo: «Escola Superior do Corte Triangular» e «Academia Científica dos Espartilhos».

Francamente, só trocar. Ou a gente dá muita importância a certas coisas e não ligam ás outras ou, cada um desata a fazer das suas, sem a mão da lei para o detem.

Não. Academia assim é demais. Chamem-lhe outra coisa. Não faltam vocabúlos. A nossa língua, felizmente, é rica. E a consolação que nos resta, neste acanhado país onde se vai de Lisboa ao Minho, só em dois dias.

MANUEL MARTINHO

a comédia da vida

DISTRIBUIÇÃO

Costinha..... Ele mesmo
Luís Durão..... A próprio
Jornalista..... N. N.
Contraregra..... N. N.



Impressões. Luísa veste uma bata branca e dispõe-se a continuar o bordado que traz em mãos.

LUÍSA—Não se aguenta com o calor, neste camarim. Esta lâmpada parece um brasão, viva!

COSTINHA (vindo de dentro, a calçar os sapatos)—Os saltos altos é que me atrapalham!

LUÍSA—O público parece que aplaude com gosto o número dos saltos...

COSTINHA—Viste o sr. Pereira da Rosa? Já cá veio três vezes! O que devia e batia palmas! Ah! aquele é do bom público, agora quando eles parece que apostam em casa com a família que não há-de ri-se, até dá vontade de ir lá abaixar fazer-lhes umas cocorilhas...

LUÍSA—Cada um gosta como quer, então.

COSTINHA—Olha, filha, puxa-me aqui os bigodes... Mas com jetinho, não nos estragues, olha que isto com a guerra subiu de cotação...

LUÍSA (retirando os pélinhos com jeto)—Sempre estão hoje muito caras as bigodagas!

COSTINHA—Pudera, é da guerra! Tudo encarace, até os pelos para os bigodes...

VOZ DE FORA—Sr. Costinha...

COSTINHA (irritado, atalhando)—Não me chame Costinha, chame-me antes Costinha!

A CENA REPRESENTA UM CAMARIM, PORTA AO FUNDO DE MODO QUE SE PERCEBA QUE HÁ OUTRO CAMARIM, PARA LÁ DA CENA. LUÍSA DURÃO, A E. A. ESTÁ SENTADA NUMA «AVIADORA». A LUZ QUE VEM DE CIMA, FORTE COMO O SOL, BATE-LHE EM CHEIO NO BORDADO INGLÊS QUE TEM EM MÃOS. UMA MESINHA, CABIDES, REPOSTEIROS ALEGRES DE CHITA, CERTA GRACINHA EM TUDO, UM GRANDE ESPELHO, «CARPETTES», CERTA PREOCUPAÇÃO MUITO FEMININA DE TORNAR HABITÁVEL UMA GAIOLA DE GRILLOS. QUANDO O PANO LEVANTA, LUÍSA DURÃO ESTÁ SÓ EM CENA E BORDA. ESTÁ JÁ «MAQUILHADA».—TEM PELI-NHO NO BEIÇO SUPERIOR.—VESTE SAIÁ RODADA, AVENTAL, BLUSA E TRAZ LENÇO NA CABEÇA.

PROLOGO

CENA I

Luísa Durão, depois Costinha

COSTINHA (de dentro)—Luísa, vem apertar-me os colarinhos!

LUÍSA (pousando o bordado, com um suspiro)—Lá vou, lá vou.

COSTINHA (entrando ágil)—Oh! filha, tem paciência, aperta aqui, olha que eu tenho a impressão de que esta casa é muito pequena...

LUÍSA (olhando do espelho)—Sim, efectivamente, a gente nem se pode mexer... É assim, agora que se fez tanta limpeza... Se cá estivesse o fiço que encontramos no sobrado...

COSTINHA—Pois sim, mas também o cháio agora parece um óvo estralado...

LUÍSA (enquanto aperta o colarinho do marido)—Pronto, lá estás tu a falar dos comeres! Já sabes que é o único assunto em que falamos que não passa sem discussão! Tudo cada vez mais caro e os ordenados não aumentam!

COSTINHA (olhando-se no espelho)—Éte sem vestido de solto! — Está bem. Mas nem por tudo discutirmos a carnesta da vida deixamos de estar de acórdos...

LUÍSA—Mas enervou-me tôda, filho, enervou-me tôda.

COSTINHA—Isso passava-te se em pequena...

PROLOGO E UM ACTO DESEMPENHADOS DURANTE MA ENTREVISTA PELOS QUERIDOS ARTISTAS A AGUSTO COSTA

COSTINHA E LUÍSA DURÃO

CENA III

Luísa e Costinha

COSTINHA—Estes malandros, que não sabem dizer o meu nome! Costinha! Mas por que é que eles não me chamam Costinha!

LUÍSA—Anda, filho, não te exaltes, vamos descendo... Parece que viste móoca ou aranhão! Quando te falam em Costinha, em móaca, pulgas, aranhões ou percevejos, pronto, perdes a linha.

COSTINHA—A linha, a linha! Tró-hê, lá-rê... (vai cantarelando, seguido da espá).

ACTO ONICO

(A mesma cena. Luísa Durão e Costinha regressam do palco, onde estiveram a representar os «Parolais de Sin-fara». Ela começa a despi-se lentamente, e ele enfi-a para o camarim, ao fundo. Entretanto, vão trocando

LUÍSA (atalhando rápida)—Tivesse tomado chá?

COSTINHA (muito sério)—Que tóda, se tivesses feito como eu, se tivesses feito muita ginástica... Barra, remo, natação... Olha, filha, às vezes até tenho pena de me ter feito actor. Na água, na água é que eu me sinto bem. Dava um rico marinheiro...

LUÍSA (suspirando, enquanto enfi-a o mangá do casaco no marido)—Ai, ai, eu então o que queria era ser professora...

COSTINHA (puxando a bochecha da mulher)—Sua tóla, já a estou a ver de seculos e varinha na mão: «Vá, diga lá o bê-abá!...» (Riem ambos).

CENA II

Os mesmos e o contraregra

CONTRAREGRA (batendo a porta)—O er. «Costinhã» é a sr. D. Luísa entram agora a seguir!

OS DOIS—Obrigados, obrigados!

A MESMA VOZ—Está aqui um se-nhor jornalista...

(Costinha e Luísa Durão olham-se como quem diz: «Estamos servidos». Depois, em outras expressões rápidas, como a concluir: «Que remédio, sendo ditos em-nos no jornal!»)

LUÍSA (rápida, em voz baixa)—Pretemo-nos ao sacrificio!

COSTINHA (com um sorriso)—Ora essa, faça favor de entrar...

CENA II

Os mesmos e o jornalista

JORNALISTA (entra com um sorriso, olhos perscrutadores, ar de quem tudo vascula) o mundo material e as consciências. Trocemos apertos de mãos, saudades cordiais e, enquanto os donos da casa fazem, com um gesto, convida para que a visita se sente, a nova personagem principia! — E apenas uma ligeira entrevista... Os senhores podem continuar a vestir-se e a despi-se que o meu interesse val apenas para as

MANUELA DE AZEVEDO ESCRVEU EXPRESSAMENTE

consumido pelas dores de um fogo que lhe arrancou a pele toda.

E esse o meu único pensamento. E os meus olhos voltaram a encher-se de lágrimas. Tem a cabeça caída, encostada à carne do peito, livida, rosada de sangue. Os olhos estão enfiados no barco, torcidos, a escorrer sangue.

Os olhos vidrados, brancos, inexpressivos, fixos e vácios.

Procuro afastar de mim aquela vida!

Nada digo para não aumentar a dor de todos.

E a noite não acaba. Noite do mar sem fim. Nem o dia já chega a iluminar a nossa desgraça. Quando o disco grande do Sol começa a surgir das águas, lá do fundo do mar, já não existirem. Não será tudo um sonho?

Quanto tempo vai durar ainda este inferno? Peço uma agonia rápida, uma morte rápida. Afasto-me daquele camarão morto; deixo correr as horas que se arrastam intermináveis na noite de trevas.

Quando alguém se aproxima para prestar socorros, a notícia cala na baleeira, dolorosamente.

— António Varela morreu...

Um estremecimento percorre todos os corpos. Ninguém quere acreditar, mas todos fixam a massa de carne e entranhas queimadas e os olhos acedidos.

Dezêto homens, semi-mortos, quais todos nos, erguem-se pensosamente nas pernas doridas. Eramos nós da mesma dor. A manhã a nascer, dá um aspecto livido aos rostos. Os que tinham ainda uns traços a servir de bóia, arrancam-na da cabeça, lentamente.

Batem os olhos. Ah, na baleeira, um companheiro está morto!

— Caladros, bóias na mão, olhos baixos. Lágrimas a correrem pela cara enfiada.

— Quem ajuda a deitar este camarão ao mar?

Silêncio em resposta, silêncio pesado de tristeza e de dor.

— Os rostos coram-se mais, com desespero, com raiva.

— Vamos, coragem. Quem ajuda a deitar este corpo ao mar?

O mesmo silêncio opressivo, silêncio de homens que jogaram brava-

lembrar o companheiro e a considerarem o tempo para serem também lançados à sepultura das águas...

— Eu julgo que a morte se aceita resignadamente! Mas não, aqui não; todos os meus camaradas lutam pela vida ou morrem, até ao extenuamento, e quando sentem que o nada chegava, um grito de desespero e maldade, o que lhes ouvi a acompanhar os últimos sinais da vida a extinguir-se.

ENTREGUES AO DESTINO DA BALEEIRA...

As ondas alterosas elevam-se como montanhas e embatem nas tábuas desconjuntadas da baleeira, que range ligeiramente. Afochada, até ficar quase submersa com as águas a rasarem a borda, a inundarem dentro. Incantado, deitam-na fora, rapidamente, sem descanço.

O mar não tem mais fim. Por cima, o céu imploredo a vomitar raios de sol que deixam chagas na pele. Não se avista terra. Não vem navio naqueles horizontes. Infinito que se confundem: água e céu. Aguarda-se fim com gritos e lágrimas. Lembra-se pedaços passados em terra, uma voz sem força, eleva-se, quebra quando a baleeira se inclina, e corre, onde só o mar falava:

— Vou morrer, e só gozei dez noites a minha terra... E agora?

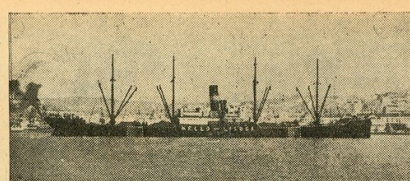
Era a voz de um fogueiro de dezano anos, que casara dias antes do «Meio galego» deixar a terra que nos valia por morte.

— Antes não tivesses caado! — grita ainda o velho homem.

Era a voz de um fogueiro de dezano anos, que casara dias antes do «Meio galego» deixar a terra que nos valia por morte.

— E fica mudado, olhar parado à ver as vagas galgarem a baleeira, enchendo tudo de água e arrancando gemidos quando lhe atingem as queimaduras.

Um marinheiro acocorado a um canto, com as costas quicadas, pele entumecida, inchado, disforme, quasi morto, faz as necessidades ali mesmo; a fim de chegar pela baleeira deitada; tudo; as pernas e os troncos de todos ficam cheios daquela sujidade. Ninguém se aboja, um grito para afastar a porcaria do contacto dos corpos.



A SILHETA DO «MELO», ANTES DE SER VITIMA DAS CHAMAS

UMA REPORTAGEM VIVIDA

GALEGO

EM PLENO OCEANO

1.º Capítulo — A Tragédia

REPORTAGEM VIVIDA

PRELIMINARES

Olço vagamente gritos afilizados e vejo valões entrando na baleeira. Uma jangada arrancada com coragem ao fogo traz daquelas silhuetas, comidas pelas chamas. O embate com a baleeira no mar agitado é brusco e faz-lhe um rombo. A água entra livremente por uma tábuas partida. Enche-se quasi completamente. Os companheiros saltam da jangada. Vem todos nus. A pele queimada, os cabelos queimados, o fato arde-lhes no corpo. Um deles, num último esforço, salta para a baleeira e cai sobre o corpo. Nu e queimado, pouco poderá viver...

Respira com dificuldade. O seu corpo cola-se inteiro ao meu. As mãos cingem-me. A cara pegosa é minha cara, a procurar calor. O cheiro da pele dos cabelos queimados, dão-me vômitos. Não se mexe. Os lábios dizem em tom de queixeume, quasi sem som, num sópro de voz, palavras mal articuladas: — Meus filhos!

O resto da frase, cheia de preocupação pela sorte deles, morre-lhe nos lábios e acaba num suspiro doloroso. Um gemido de dor já sem revolta, sem força, quando a água dos meus costas nua e sem pele. O corpo treme todo, a respiração é estertorante:

— Vou morrer de frio... — pronunciu minha voz surrada.

As pernas procuram as minhas pernas e pegam-se a toda o comprimento. Os nossos corpos nadam na água que enche a baleeira. A bóia colou-se ao meu pescoço. O peito deixa no meu peito cabelos e pedaços interiores de pele. Rasgam uma para lá e regressam a carne das ondas que galgam a baleeira e a redobram o sofrimento. O cheiro que a cara é uma máscara negra de carvão ardido, gretada. Os olhos estão rosados de vermeão e ficam apavorados o mesmo lugar, sem nada verem. A dor das queimaduras arde-lhes no corpo contínuo, sem força. O corpo arrefece lentamente.

— Minha amiga chegue-lhe aos lábios uma garrafa a guardante; incline-me levemente para o deixar beber, mas tudo cal com uma bábagem

que fica escorrendo, presa às chagas das queimaduras.

Aquêle homem em cima do meu corpo começa a estar frio. Quero dar-lhe calor, sinto melhor a sua carne a desfazer-se, mas o calor vai faltando; as suas pernas deslizam das minhas quando um balanço inclina a baleeira. As tábuas onde estou detilado rasgam-me a pele. Suporto a dor. O seu corcão ainda bate, mas o corpo está arrefecendo. Uma espuma pegajosa começa a sair-lhe da boca e a cair no meu pescoço.

O corpo estremece em contrações que me arripiam. A massa queimada mexe-se como agitada por uma força oculta; imobiliza-se de novo, a arrefecer cada vez mais. As parçadas do coração só agora imperceptíveis; começa a desfazer-se com a morte; as pernas mexem-se convulsivamente, as mãos agitam-se.

Todo o corpo treme. De repente, estremece mais; olha-me com fixidez; nos olhos um espanto e uma súplica que não se traduz. Lentamente fecharam-se...

Um suspiro saíu-lhe da boca por onde fica escorrendo uma baba suja. A respiração cessa.

António Varela morreu...

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Aquêle corpo estendido sobre o meu, tornase frio, endurecido, toma a rigidez cadavérica. Morto e rígido como um pedaço de gelo. Fico assim muito tempo, sem me mexer, tentando de pavor. O cadáver, estendendo-se inteiro sobre mim, e a rigidez que sinto; enche-me de medo; sou incapaz de articular um movimento.

Na baleeira gritam-se insultos bárbaros à vida quando o balanço faz alguma tábuas de choocar de encontro. Tábuas que ferem a carne macerada. Não há mais possibilidade de coragem de suportar o peso daquele companheiro que morreu sem que o meu corpo se imobilizasse, sem coragem de suportar o peso daquele companheiro que morreu sem que o meu corpo se imobilizasse.

Uma onda quebra-se inteira no pequenino barco e o balanço arranca de mim a quase corpo.

Levanto a custo o peito dorido por aquela posição incoômoda; nada me dói. Aquêle companheiro morreu ali,

♦ por JOÃO FALCATO

mente a vida mas a quem faltam forças para tanto.

Os olhos afastam-se daquelas carnes queimadas, daquele amigo que a vida abandonou, e fixam cheios de indignação as águas queimadas do dorso vívido dos tubarões que se agitam a baleeira em rolagem fúnebre. Ficasse preso àquêles clarões e os minutos decorrem. Só o mar ruga-torcedo, braços descaídos, não cabeça pendida, braços descaídos, não tem ninguém junto de si.

Todos se desartam e voltam as costas. A nossa desgraça é maior. Pronunciam-se palavras de resignação:

— E o destino; é o que tem que ser. Logo será a nossa vez!

Alguns aproximam-se. Pegam com extremos de cuidado naquele corpo quasi desfeito. Seguram-lhe as pernas e os cotovelos. Descarçam-se por uns momentos o companheiro na borda da baleeira. Fecham os olhos e dão um impulso, mas uma das mãos descarçadas caiu sem força no ferro da amura e prendeu-se, como se ao voltar respingasse aquela entrada nas águas, côr de aço, que o aguardavam.

Os companheiros ajeitam a cara desfigurada de António Varela; seguram as mãos; um leve sorriso em um dos braços.

O corpo entrou nas profundezas tranquilas do abismo. O pequeno barco desce um balanço como aliviado do peso da morte.

As águas abrirem-se para deixar passar os corpos e os companheiros ajeitam a cara desfigurada de António Varela; seguram as mãos; um leve sorriso em um dos braços.

Para quê; não eramos carne para os tubarões dentro de pouco tempo? Não se avista terra. Não vem navio naqueles horizontes. Afochada, até ficar quase submersa com as águas a rasarem a borda, a inundarem dentro. Incantado, deitam-na fora, rapidamente, sem descanço.

Arca e água e o vento, deixa nos olhos ovidos e sem cavo do sino grande quando alguém vai a enterro. Não sofre, estou entorpecido. Só penso, tento, tudo a desfilar no meu cérebro como uma torrente. Os meus olhos interrogam os longes com anelidade. Estas mãos, tudo a desfilar no meu cérebro como uma torrente. Os meus olhos interrogam os longes com anelidade. Estas mãos, tudo a desfilar no meu cérebro como uma torrente. Os meus olhos interrogam os longes com anelidade. Estas mãos, tudo a desfilar no meu cérebro como uma torrente.

Ficou por pagar o crime deste fogo sem explicação, ficará por vingar a morte dos meus companheiros e de António Varela.

Não creio. A justiça, por vezes, chega tarde, mas chega sempre! A justiça chega sempre. A justiça chegou como uma luzada, desenhada no horizonte. Os olhos fixam-se naquela promessa. Eu sei bem que não, que muitos e muitos dias nos separam da terra, mas por um estranho mecanismo do meu cérebro acordado também.

Terra por estibordo! — grita um amigo.

A mancha escura abre-se mais e desfaz-se por fim em duas nuvens carregadas que implicam de chuva e águas cinzentas do mar. As caras de todos abram-se de raiva; os dentes cerram-se.

Este canilhar para a morte é doloroso e se seguiu a segunda calma no abandono de uma luzada desfeita.

As ondas da baleeira rangem assustadoramente quando as ondas atressadas embatem. Não digo os meus olhos, pois não se avista terra. Os tubarões, aos cardumes, tomam conta de António Varela e festejam-se na carne de seus companheiros.

Na baleeira, calados, bóias na mão, olhos baixos, lágrimas a correrem, continuamos todos de pé, a

(Continua na pág. 16.)



Gunther Hägg, quando falava com os jornalistas, nas suas gabinetes da legação da Suécia.

GUNTHER HÄGG

O FAMOSO CORREDOR SUECO ESTEVE EM LISBOA

O MAGNÍFICO ATLETA FOI BATIDO DUPLAMENTE NA AMÉRICA: PERDEU COM O AMERICANO RAFFERTY E NÃO CASOU POR SE DESENCONTRAR COM A NOIVA!...

É precisamente a mesma cara, a figura esguia, seca, que estamos habituados a ver nas fotografias que dele se publicavam. Já no ano passado a nossa Revista inseriu um instantâneo do famoso Gunther Hägg's, em plena corrida.

Quando ultimamente a legação da Suécia convidou os jornalistas a tomar contacto com o grande atleta, reconhecemo-lo imediatamente nem um traço a mais ou a menos do que nas fotografias.

Gunther Hägg regressou de Nova-York e dirige-se a Estocolmo. Vem de uma digressão, que ao contrário do que aconteceu em 1944, lhe foi desfavorável.

No último ano, o sueco venceu nitidamente os adversários americanos que o defrontaram — apesar do ano ser bissexto!... Desta vez, a sorte foi-lhe adversa, até hoje revistas e jornais que perguntaram se o corredor não sabia que ia à América para correr... Causa desta falta de êxito, segundo a sua própria opinião: inicialmente, o cansaço da viagem, falta de ar. Chegada a Nova-York, descansou um dia, correndo logo no outro no Madison Square Garden. Depois, as pistas cobertas. Habitado a correr ao ar livre, Hägg estranhou pelo modo americano Rafferty, que percorreu os 1609,3 metros em 4 m. 10 s. 9/10, contra 4 m. 19 s. do sueco.

O tempo de Rafferty anulou o máximo do finlandês Paavo Nurmi, 4 m. 12 s., estabelecido em 1925.

Gunther Hägg, bom desportista, acostumado a ganhar mas sabendo perder, porque, na sua opinião, a derrota toca a todos os campeões, parece, no entanto, um pouco desorientado com os seus insucessos no país dos americanos. Expressa a vontade desportiva, as suas impressões dos americanos são as melhores. Recordam-se sempre das maiores atenções e nomearam no comandante de várias corporações de bombeiros.

Perguntámos-lhe se ainda era bombeiro. Respondeu: — Não, somente honorário. Foi efectivo durante dois anos. Presentemente, negocio em múltiplos arti-

gos. Sou comerciante... Mas daquele tempo guardo belas recordações...

— Porque?

— Gunther Hägg sorri e conta: — Tudo por causa de uma corrida que um dia fiz. Com a minha brigada de bombeiros, acudi a um incêndio num armazém, onde havia também enorme quantidade de pólvora; de repente, deu-se a ordem de retirada, por perigo iminente de explosão... Foi uma grande corrida que todos fizemos. E, claro, não me foi difícil ser o primeiro...

— A que atribue os seus êxitos?

— À vida saudável e metódica que sigo.

— Tem um regime especial de alimentação?

— Resposta imediata, no meio dos sorrisos dos jornalistas que atentamente o escutam:

— Como de tudo, excepto legumes...

— Volta para Estocolmo para continuar a treinar?

(Continua na pág. 16)



Em Estocolmo, correu no campo aberto, Gunther Hägg é o adversário temível que os americanos não encontram nas pistas de gelo coberto.



Em Cleveland e Buffalo, Gunther Hägg correu em pista fechada nos vences os adversários pela diferença de 1 metro.



DEZ MINUTOS DE ENTREVISTA

CASTRO SOROMENHO

Não acredita no heroísmo individual e foi aos Açores buscar elementos para um novo romance



CASTRO Soromenho, o vigoroso escritor da «Noite de Angústias», partiu há dias, no «Serpa Pinto», numa viagem de recreio, aos Açores. No «êxica», entre amigos, Castro Soromenho, que fará para a «Vida Mundial Ilustrada», uma série de artigos da vida açoreana, ainda teve tempo para nos responder a algumas perguntas à volta de temas literários, que a sua personalidade vincula toda de autoridade.

— Esta viagem faz parte dum velho projecto — começa por nos dizer — que só as circunstâncias criadas pela guerra, não me têm deixado realizar. Sempre tive pelos povos ilhéus um grande interesse. E penso que nestes anos mais chegados, poderei visitar com

demora as nossas ilhas africanas do Atlântico, a algumas das suas concheio.

— E depois duma pausa...

— Se nestes tempos tumultuosos é ainda possível realizar projectos, então dir-lhe-ei que o meu génio é escrever três romances numa ilha açoreana, na ilha do Povo, de Cabo Verde, e em S. Tomé.

— Mas, então, esta viagem aos Açores tem alguma coisa com esse projecto?

— Vou ver como aquilo é e procurar aprender o p. vo açoreano. E se resolver fazer o romance, voltarei a S. Miguel, com mais demora, para o ano. O homem do povo dos Açores, como você sabe — emigra para a América, de preferência. Quando lhe fecham

essa porta, nem por isso deixa de sair da sua ilha. Ora, isto só pode significar que na sua terra só mais os cardos do que as rosas... E aqui está o que me parece constituir um caso de verdadeiro interesse literário e humano...

Depois dum novo cigarro, Castro Soromenho, prossegue:

— Quero ver como vivem os que nunca puderam ir e ficaram para sempre amarrados ao sonho de migrar, sem me esquecer dos que regressaram pobres e desiludidos. Não sei até que ponto a experiência dos que voltaram do estrangeiro tem servido para dar ao povo a compreensão do valor da luta pela vida na sua própria terra. Melhor do que ninguém, esses homens podem mostrar-lhes o cami-

nho da transformação da realidade da sua própria vida. E, se assim for, como tudo me leva a pensar, a espinha dorsal do romance está aí.

A conversa muda de rumo, agora. Falta-se da actividade literária. Castro Soromenho tem para breve «Alenga e o Outro destino», um volume de contos, cujo aparecimento tem retardado porque devia preceder «Terra Morta», romance, que está no calvário.

— Como trabalha? — Nunca de noite. Não tenho muito nem horas precisas. Quando começo a escrever um romance há muito que de está trabalhando dentro de mim. Decido-me a escrever, trabalho durante 8 horas por dia, consecutivamente, — e no ve-

(Continua na pág. 16)



Laval e Chico Sánchez Bécot, Dupont, comendador Balmaceda e outros em 1941. É claro de uma sessão diplomática no âmbito de negociações de paz em Paris, a convite de representantes franceses para Chile, a convite de representantes chilenos para França, visando a restauração da ordem constitucional em Chile.



LAVAL, O HOMEM DE QUEM SE FALA OUTRA VEZ

A morte de um chefe de guerra, morto para Franco e ex-Filipeo Masazo, não é o único acontecimento que se viveu e vive-se em Espanha. O mundo inteiro acompanha com interesse a evolução da situação política e militar no país. O mundo inteiro acompanha com interesse a evolução da situação política e militar no país. O mundo inteiro acompanha com interesse a evolução da situação política e militar no país.



Uma das zonas de guerra em Espanha.



Alguns dos soldados espanhóis que lutam na linha de frente.

12

É AQUI NA PAZ DE S. FRANCISCO QUE OS HOMENS ESTUDAM OS PROBLEMAS DA PAZ

U... É de fato, neste momento, que se estudam os problemas da paz. É de fato, neste momento, que se estudam os problemas da paz. É de fato, neste momento, que se estudam os problemas da paz.



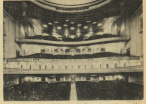
Uma das zonas de guerra em Espanha.



Uma das zonas de guerra em Espanha.



Uma das zonas de guerra em Espanha.



Uma das zonas de guerra em Espanha.



Uma das zonas de guerra em Espanha.



Alguns dos soldados espanhóis que lutam na linha de frente.



Uma das zonas de guerra em Espanha.

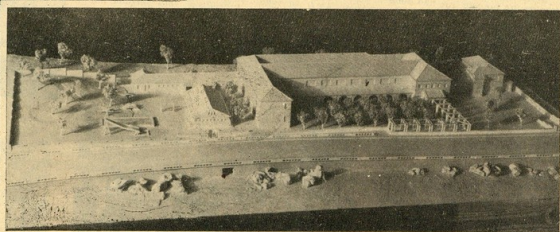


Uma das zonas de guerra em Espanha.



**UMA OBRA QUE É UMA
LEGENDA DE BOA-VONTADE
E SACRIFÍCIO HUMANOS**

INAUGUROU-SE ontem a Feira Popólar. Lisboa vai ter alguns meses de alegria — uma alegria que se transforma em 15 dias de sol, iodo e mar, para as crianças pobres da cidade, pois, como se sabe, reverte a favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século», a receita da Feira Popólar. Os primeiros turnos partem em breve para S. Pedro do Estoril; durante 15 dias, muitas crianças pálidas e tristes terão alegria, pão farto, conforto, belos ares e liberdade — e tudo por conta dessa instituição, de largo alcance social, que é a Colónia Balnear Infantil de «O Século», dirigida pelo sr. dr. Carlos Alberto Pereira da Rosa. Ao seu esforço, à sua inteligente vontade de continuar com uma obra notável, de tão assinalável êxito, a favor da criança pobre de Lisboa, se deve o progresso sempre crescente da Colónia Balnear Infantil de «O Século».



Segundo o projecto de Ignacio Perez Fernandez e José Scgurado, as instalações da Colónia, depois de ampliadas, ficaram muito mais confortáveis e atrativas.

A rapaziada da Colónia lá os espera a todos, na Feira Popólar, para que outros muitos pequenos de Lisboa possam, como este, gozar da sua alegria a beira-mar!



As pequeninas, mais sossegadinhas que os rapazes, ficam-se, às vezes, entregues a trabalhos de arte aplicada.



Sempre a hora da banha — e, ali, toda a mecânica das horas está perfeitamente regularizada e fiscalizada — é uma das mais movimentadas e alegres.



Os rapazes, fizes e, quando não comem nem brincam, nem dormem — entregam-se a leituras para passar o tempo, sob a vigiância dos empregados e a disciplina dos horários.

**O SOL, O IODO E O MAR PARA AS
CRIANÇAS POBRES DE LISBOA!**

NO CORAÇÃO DO REINO UNIDO

SUA Magestade COLECCIONA SÊLOS

SEGUINDO o exemplo de seu pai, o falecido Jorge V, o actual rei de Inglaterra, Jorge VI, é um dos raros reis, famosos pelas suas colecções de selos — e um dos mais entusiasmados filatelistas do seu país. Basta dizer que a sua «colecção azul» não tem preço — isto é: possui um valor inestimável.

Sem dúvida, tão extraordinária fortuna e tão bela colecção não pertencem ao trabalho de uma só geração. Jorge VI herdou o zelo de coleccionador — e uma colecção que, por sua vez, já tinha sido herdada. Hoje, e apesar de as dificuldades criadas pela Guerra, Jorge VI tem enriquecido os seus magníficos álbuns de selos, adquiridos directamente pelo curador ou chegados de todos os pontos do Império, expressamente para Sua Magestade. Por outro lado, com o seu gosto e temperamento de filatellista, é o próprio Rei quem recolhe os desenhos dos selos a emitir na Inglaterra, nas colónias e nos domínios — e que irão, depois, enriquecer as suas colecções.

Aqui o damos, num intervalo dos seus trabalhos politico-administrativos, desempenhando excelentemente, as suas funções de filatellista...

Jorge VI é o patrono da Real Sociedade Filatética, uma grande, sólida e antiga instituição britânica. Aqui o vemos examinando, com uma lente, a mais recente página enviada da Austrália.



Esta é a Sala Filatética, no Palácio de Buckingham, que foi atipada por uma bomba aérea e já está reconstruída. Ao lado do rei, está John Wilson, real curador dos selos.



O rei escolheu, para estudo de hoje, um volume da célebre colecção azul — encadernação em couro marroquino de um suave tom azul — que lhe veio das mãos do pai, Jorge V.



Os selos de Inglaterra merecem um interesse tão particular ao real coleccionador. E, por isso, cada Domingo lhe envia, regularmente, grupos de quatro selos de cada nova emissão.



Não é apenas um sentimental da filatelia. Jorge VI é também um técnico apuradíssimo. Aqui o vemos examinando um selo raro, chegado da Índia, auxiliado por «sir» John Wilson.



Esta é uma das páginas da colecção de selos, pertencente a Jorge VI. Vê-se que há um projecto que não foi aprovado por Sua Magestade, e sobre o qual se lê, com o sinal X, um «não» muito expressivo.



O desenho do selo foi reprovado por Jorge VI. Foi preciso, portanto, desenhá-lo novo barco, aprovado por Sua Magestade.



O rei, então, certifica-se, utilizando-se, outra vez, de uma lente. E, de facto, interessante e raro! Há, aqui, uma flor desenhada, o que levanta a ideia de uma emissão clandestina.



Para os leigos, talvez as estampilhas pareçam todas iguais. Jorge VI, como técnico, sabe distingui-las. Aqui o vemos a proceder à escautela cuidada.



E, pelos vistos, é também entendido. Aponta um caso especialíssimo: aparece aqui uma flor, que não está, sobre, aprovado outro selo da mesma emissão!

A TRAGÉDIA DO "MELO"

(Continuação da pág. 8)

— Mas esta luta com a incerteza, com a ansiedade, com a esperança, com o desespero, mata-me, enlouquece-me. Tudo toma força e energia no fundo dos meus pensamentos. O corpo está insensibilizado. Não reage; necessito por mim paçadas, nada de ódio.

— O homem é joguete nas ondas estacas de um amor e de uma esperança. Esta frase ocorre-me à léia. Li ou inventei? Não sei responder. É verdadeira e adapta-se à minha situação. Mas que me importa a mim tudo isso, se vou morrer? Sim, se vou morrer! Vamos todos morrer, embora exista ainda em nós não sei que vaga esperança.

Pressos a uma sina negra. Rumo ao nada, a caminho do nada. Não, a caminho da morte, dos dentes dos tubarões!

Estas águas até lá no fim, vão ser a minha sepultura. Sim, rumo ao nada.

A baleia tem uma tábua partida. Quando as forças faltarem a todos, lá ninguém detará a água fora, sem descanso, com frenel. E o mar entrará então livremente, e livremente será dono dos nossos corpos.

Quantas horas ainda resistiremos? Quanto de quanto tempo os braços, que parecem lírios viscosos, repelentes, começarão a festa da nossa queda?

Esta onda, este cachão do mar a enfiar como uma serra, metálica no fundo o nosso barco? Rápido: como ao mar! Já lá vem, enorme, gigantesca, a ruir sobre nós.

Aproxima-se. Apanha a baleia com uma rajada violenta e enche tu de água.

Pronto: passou, mas o som que deixa nos meus ouvidos é plangente, arrojado, como o grande diabo da minha terra quando alguém vai a enterrar.

— Não devia de morrer lá, e não aqui, neste mar sempre profundo e infinito, sem um barco que nos venha salvar.

Não estará presenciando a nossa agonia algum serinho que a maldade dos homens faça andar por estas águas? Até no desconhecido, quando as forças começam a ceder, isto. Um submarino, a salvação a vir do fundo do mar para onde tudo iria.

Perde-se a noção do tempo. Nem um único relógio.

As caras dos menos fortes começam a apavorar-nos.

Um empeco olha fixamente um sílio e durante horas, espantado e quieto, nada diz. Depois, tem um olhar de morte, como um galibarda das que se transformam lentamente em estorpe doloroso.

A loucura entra na baleia! Viera tranquilos de médio; dá agora sinais evidentes de perturbação mental. Aquela ansiedade, aquela luta

com os pensamentos a desfiliarem como torres, não é para menos. Aquelles olhos que nem pestanejaram para nem por um instante deixarem de fixar o mar, a esperança de verem a tábua de salvamento, levam a isso.

Começa a gritar a todas as nuvens, a todas as ondas que se avolumam no horizonte, uma palavra que nos tortura: Terra, terra, terra!

Espeja o dedo numa direcção qualquer e não deixa de clamar: Terra, terra! As nuvens não se voltam. Aquelle rosto deitou-nos no limbo do mar. Não se ouviu mais nada sul. Fernão de Noronha é a ilha que ficaria mais próxima, se não fosse a nossa própria desgraça. Mas tudo isso levanta dias e dias, e o tempo calvário só tinha começado há pouco.

A voz do empeco continua enchendo a baleia: Terra!

É balco e frazindo. Desde o primeiro minuto o médio esposou-se deite; não o deixei ser útil! Para não ver o mar e as ondas a galgar-nos tudo, meteu-se no bico do par, tapou a cabeça com os braços e ali ficou durante muito tempo, sem coragem para qualquer outra coisa mais que não fosse ouvir os pensamentos.

De tempos a tempos, espreitava lá: via a cara do companheiro, e logo levantava um pouco mais a cabeça e olhava fixamente o mar.

Quando uma onda se avolumava e vinha de encontro à baleia, metia apressado a cabeça entre as mãos e escutava a estáfonia do broco, enchido, numa posição grotesca, sem ânimo nem para se mover.

Quando a onda se afastava de pé e persistia naquela obsessão: Terra! Terra!

Mas os olhos conservam um terror de demência quando nos fixam. Uma dor ainda mais funda, enche os nossos corações.

Os pensamentos deviam-se da morte para pouco naquele companheiro. Que destino a dar-lhe? Todos os olhos pregados néle; desenhava em todos os rostos o receio de que se lance ao mar, atrás da sua miragem.

Os braços estão preparados para o impedimento, mas éle continua tranquilo a fixar o ponto da sua flutuação, os olhos mergulhados no vácuo, abertos a fixarem o nada:

— Não vêm! — grita numa voz estranhada, como se se dirigisse a pessoas que não estavam presentes.

— Terra, aqui mesmo! Vamos para lá.

Aquelles gritos fazem eco no nosso nervos.

Antes fosse verdade a visão daquele empeco. Sim, verdade a visão na verdade qualquer terra, um rochedo, uma cidade, um deserto, mas terra!

Escuto com os ouvidos, com os olhos, com as mãos escuto com o coração, com o corpo todo, com os nervos, o bater daquele mar de encontro à baleia.

Talvez quisesse ouvir qualquer coisa que não fosse sempre o rolar surdo das ondas e os gemidos de sofrimento dos meus companheiros...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Quando voltar às competições, se presente em forma!...

No próximo número: ANTONIO PEREIRA, 3.ª maquina do Meião.

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Quando voltar às competições, se presente em forma!...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Quando voltar às competições, se presente em forma!...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Quando voltar às competições, se presente em forma!...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Quando voltar às competições, se presente em forma!...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Quando voltar às competições, se presente em forma!...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Quando voltar às competições, se presente em forma!...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Quando voltar às competições, se presente em forma!...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

GUNTHER HAGG

(Continuação da pág. 9)

— Sim, sim... Continuarei a correr enquanto puder... Não quero, de nenhuma maneira, considerar-me acabado aos 36 anos.

Quando lhe perguntaram se era verdade que estava a ir para a América, com uma rainha de qualquer coisa, retorquiu com um ar sério, que não era nem rainha, nem sequer príncipe... Sim, quer dizer todos acharam graça a resposta.

Günther Hagg parece fatigado e, possivelmente, desleixo de li passar pela cidade.

É justo não o marcar antes. Antes de se terminarem, queremos contar os nossos leitores o interesse curioso que Günther Hagg sentia aos seus entrevistadores.

O objectivo primordial da sua vida é a América era casar! Sim se fosse. Casar-se com uma adriana sueca, residente em S. Francisco.

Simplesmente, quando chegou à cidade, não pôde mover-se para a Suécia. Houve, conseqüentemente, um desmentido. E é pouca coisa. E mesmo caso para afirmar que o famoso recordista — que talvez um dia venjamos correr em Lisboa — foi duplamente batido no país escandinavo: perdeu as provas em que entrou e não se casou, por se desferir com a noiva.

— Mas certamente, a esta hora, já se terá casado. Günther Hagg esqueceu-se a mais momentos que sua noiva — causou, involuntariamente, e está prestes a dar o sagrado nó!...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Quando voltar às competições, se presente em forma!...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Quando voltar às competições, se presente em forma!...

...Que equivale a dizer que, durante um largo período, as pistas vão ter a sua ausência.

Espiões de guerra Aos nossos assinantes e leitores das Ilhas

(Continuação da pág. 21)

tal, em cuja ranhura introduziu um sobrescrito. Foi tudo muito bem feito, de uma maneira admiravelmente dissimulada, mas não tanto que não fosse visto pelos olhos de quem vissem visto...

Uma hora mais tarde, a Polícia sabia que o sobrescrito continha um questionário cifrado e era endereçado para um antiquário de Paris. Simultaneamente, o marinheiro era discretamente preso num dos cas de Nantes. E, em três semanas, o *Bureau* apercebera-se, não somente do antiquário, mas também de nove dos seus agentes espalhados em outros tantos pontos da Mancha. E assim acabou, por uma brilhante vitória da contraespionagem, a acidentada história do Correo de Nantes.

A seguir: "SERRIAS" — A MULHER QUE GOSTAVA DE OVOS

Castro Sormento

(Continuação da pág. 9)

No inverno o frio só me deixa ler e tomar apontamentos para futuras trabalhos se emergem a qualquer momento.

— Qual o seu melhor romance, aquele que mais lhe agrada?

— O "Herói da Terra Morta" — porque é o primeiro trabalho que eu me ponho os problemas da realidade da vida dos brancos, dos negros e dos mulatos, com as suas naturais contradições e a sua legítima aspiração de transformar a realidade, para uma melhor compreensão do valor social desses montes formosos do povo dum grande parte da África de amanhã.

— Publica na Imprensa a mensagem da "Noite de Angústias. Gestalt".

— Mas não arbaria que era tempo de mostrar a África que continua desconhecida na metrópole?

— Não. Algumas vezes pessoas trabalhadas se empenham acidentalmente sentido mas perece que o que lhes interessava era o "filme sobre o herói branco da nossa colonização. Eu que nasci em África e que fui colono sei que eles me pediam uma espécie de homem que não existe, o não ser para efeitos de propaganda. Sou pelo heroísmo colectivo e não do heroísmo individual, porque este não me dá o valor dum povo.

— Então a vida em África deve proporcionar aventuras?

— Castro Sormento não. Nem nos devesse acabar a frase.

— Não acredito nos homens que procuram a África que continua desconhecida — e só compreendem que foi uma aventura vivida quando vêem a vida de outros que têm a experiência humana. Os fabricantes de aventuras pareceram sempre vender a vida de outros para longa vida e de drogas para curar todos os males.

"Thetis"

DO CAMISEIRO DOS QUE VESTEM COM DISTINÇÃO

RUA DA PALMA, 165-165-A

LISBOA

Não peca à sorte. peca

Nieport

CONTAMOS MAIS UM ANO

Com o presente número, «Vida Mundial Ilustrada» entra no quinto ano da sua publicação. Não é muito, em relação à eternidade das coisas terrenas. Mas é sinceramente reconfortante, numa terra em que as realizações de carácter literário estão, fundamentalmente, condenadas a uma existência esporádica. O público, os nossos leitores, amigos de sempre, naturalmente, nem sempre se terá apercebido desta verdade, em cada uma das quintas-feiras que nos lê.

Quanto custa uma revista — não ao leitor que a paga, mas a nós que a vendemos?

R, ainda, sem falar do preço material — é preciso pensar no esforço que representa, num país pequeno, sem grande poder de compra, sujeito da lei da neutralidade, fazer uma revista que se propõe ser o panorama do mundo actual — chelo de clamores guerreiros e de tristeza e luto.

Apesar disso, «Vida Mundial Ilustrada», no sentido de divulgar alguma coisa que ainda não esteja divulgada, esforça-se por ser uma revista de jovens para jovens — se não na idade, pelo menos na ideia. É este o nosso programa — e é por êle que vamos continuar a trabalhar, ao entrar no nosso quinto ano de vida...



Com o protocolo habitual, o sr. ministro do México, D. Luciano Joubiane Rivas, foi, há dias, entregar as suas credenciais ao sr. Presidente da República, no Palácio de Belém. O sr. Dr. Oliveira Salazar, na sua qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros, assistiu à cerimónia, que foi curta, mas expressiva.



Foi uma cerimónia muito concorrida, a que se efectuou na Sociedade de Geografia, para conferir ao sr. conde de Lopes Galvão o título e o cargo de secretário perpétuo daquela Sociedade. Uma senhora, fundadora do mesmo organismo ofereceu, no final, um ramo de flores ao sr. conde Lopes Galvão, que foi muito cumprimentado.



Na última quinzena, os alunos do Instituto Superior Técnico deram um recital, promovido pela secção cultural daquele organismo. Pelas características de que tal iniciativa se revestiu, a festa decorreu em ambiente agradávelíssimo de confraternização, não faltando a presença do director do Instituto, professores e uma assistência que aplaudiu entusiasmada todos os números de música havaiana, argentina, música clássica e ligeira.



No Aviz realizou-se um banquete de homenagem ao prof. sr. dr. Adelino Costa, e em que estiveram os srs. drs. Barbosa Soeiro, dr. Branca Rumina e Arnaldo Lacer, que, na foto, se vêem sentados com o homenageado ao centro, e drs. Rita Vele, José Carmilho, José Nogueira, Prof. Dr. Carlos Leiroude, drs. José Esquivel, Prof. Dr. Pedro da Cunha, drs. Manuel Fernandes e Sousa Costa, que, na foto, se vêem de pé.



verdadeiras peças de museu, destas que o ilustre pintor — vêmo-lo, aqui, ao lado, num notável retrato «Minha mulher» — nos apresenta num conjunto de eleição.

No outro andar das Belas-Artes, expõe uma jovem artista decidida, que se abalança a trabalhos de composição — numa altura em que é tão raro desportarem as vocações nesse sentido. Chama-se Lucília Rosa de Brito e impressionou o público e a crítica pelo vigor e desenvoltura dos seus pincéis, verdadeiros magos do volume e da cor. Em desenho outra artista veio chamar a atenção — Maria Helena Cordeiro, que expõe 33 desenhos no estúdio de S. Pedro de Alcântara. A sua «Ida», firme e delicada, possui o segredo dos contornos, exprimindo com flagrância a vida interior dos seus retratos. A seu lado, expôs um artista de rara sensibilidade e grande poder criador: Noel Perdigo, que é um dos jovens mais destacados pela crítica e cuja exposição constituiu um êxito.

JOÃO REIS E MAIS TRÊS EXPOSITORES

JOÃO REIS, herdeiro de um nome e de uma sensibilidade artística notáveis, andava um pouco arredado do convívio do público. Pois apareceu agora, e em muito boa hora, com uma colecção notável de trabalhos que tem expostos no Salão das Belas-Artes. São que não se querem nem devem perder, os ditos



CALÇADA DA GLÓRIA

Em que idade é que as mulheres são mais apetecíveis?

O QUE DIZEM OS HOMENS

AQUI está um inquérito que nos parece essencial. Não hesitamos, por isso, em o fazer — embora através de perigos e médos esforçados, como diria o meu Camões. Ouvimos alguns homens — na impossibilidade de os ouvirmos a todos. Escutado será dizer-lhes que os homens casados que depuseram tiveram de esquecer, por momentos, as suas mulheres, porque, se o não tivessem feito, o seu depoimento não seria imparcial. Sim, porque em bom rigor para o homem casado a mulher mais apetecível deve ter a idade da sua...



Simões Raposo, simpática figura com as suas enormes barbas bíblicas, tem pelas mulheres — mães do homem — ternura e respeito. Mas em matéria de idades al pela mulher de 40 anos. E pormenoriza: — A mulher tem quatro estações: a Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno. Os 40 anos são o Verão da mulher, o período das belas searas e dos grandes frutos. Não lhe parece?

E sorriu dentro das suas grandes barbas.



Geraldo — o grande artista de musculachall que, aos quarenta anos, há frescura e a mocidade dos vinte — diz-nos: — A idade em que as mulheres são mais apetecíveis? Mas em todas, meu irmão... Tudo consiste em saber escolher aquela... a quem nós agradamos!



— O Santana? — Que é? — Em que idade é que as mulheres são mais apetecíveis? — O esplêndido caricaturista esboça no ar alguns traços misteriosos e responde-nos: — As mulheres bonitas não têm idade! E partiu alegremente, assabiando...



— Sou pela mulher de trinta anos! — asseverava Lourenço Rodrigues, homem de teatro da velha guarda, apesar de ser uma criança. E como lhe perguntássemos a razão us sua preferência balzaquiana, não hesitou na resposta: — Então que quer! É cá uma fé...



Eugénio Navarro, jornalista que na voz tem a sua cadência, ao ser interrogado por nós acerca deste psicologismo assumto, estremece. Os seus sólidos alicerces de homem forte dir-se-lam sacudidos por um tremor de terra. — A idade em que as mulheres são mais apetecíveis? Eu creio que nestas coisas, se o silêncio é de ouro, a língua é de prata. Mas sempre lhe digo: em todas as idades há mulheres apetecíveis. De resto, o homem verdadeiramente gourmet gosta de vinho novo e de vinho velho. Preciso é que o vinho seja bom!



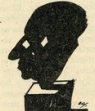
Jaime Saraiva Lima, capelo vermelho em direito e em arte de tourear, autor de alguns tratados tauromáquicos, tem há muito a sua opinião formada: — Mulheres, entre os 30 e os 45 anos! E depois dum silêncio...

— Antes dos 40 ainda não estão maduras, e depois dos 45 começam a engeilhar...



O dr. Silvério Lebre, advogado com banca acreditada no fóro da capital, tomava tranquilamente o seu café quando lhe desfechámos à queima roupa a intervenção que serve de *mot-d'ordre* a este inquérito. — Eu lhe digo...

Tomou um golo de café, que é um excelente psicólogo negro, e continuou: — A idade em que as mulheres são mais apetecíveis é, quanto a mim, na idade-média!



Fomos ouvir Mário Beirão, não desta vez em pessoa — mas em busto. — Diga-nos: em que idade é que as mulheres são mais apetecíveis? — O busto corou: — Responder-lhe, meu amigo. Eu sou de pedra... — Instintivos. A pedra falou: — Vou ser-lhe franco. De resto, eu sou franco de nascença. A idade em que eu prefiro as mulheres — é a da minha colega Estefine. — E que idade tem a Estefine?



— Sabe-se lá. É exactamente por não se saber os anos que ela tem que lhe puseram aquela alcunha!

João Bastos subia tranquilamente o Chiado, trazendo na mão uma grande chave — decerto a chave do Paraíso. Desfechamos-lhe a pergunta. João Bastos deteve-se uns momentos em silêncio, olhou a revoadas de mulheres bonitas que povovam aquela hora o nosso elegantíssimo Chiado, e disse: — Um homem casado não deve pronunciar-se sobre certos problemas femininos. Falo, por consequência, em mera teoria. As mulheres assemelham-se às bolachas: as melhores ainda são as sortidas...



João Maria Ferreira, com a sua barba que os dizem de filósofo, outros de fauno, poeta que tem uma obra digna de estudos, dá-nos a sua opinião: — Damas de todas as idades! Todas têm a sua razão de ser... E sorrindo: — Questões de técnica!

MINORA da nova GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVII A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

Operação do desembarque aliado no Norte de África constituía uma empresa sem precedentes e fora preparada no meio do maior segredo. Centenas de pessoas, oficiais superiores e altos funcionários cuja colaboração activa e conciente se tornara indispensável para a execução de um projecto de tal importância, tinham estado em contacto estreito com os preparativos do desembarque e haviam tomado parte em todas as acções preparatórias. Apesar disso, não se produziu, nem na Grã-Bretanha nem nos Estados Unidos, a mais ligeira indiscreção. O inimigo não se apercebeu de que estava a ser preparado e o desembarque constituiu, para ele, uma verdadeira surpresa.

Três grandes comboios, dois saídos dos portos britânicos para o Mediterrâneo, e um terceiro enviado directamente do litoral americano para a costa atlântica de Marrocos, fizeram-se ao mar poderosamente escoltados por forças navais anglo-americanas, que eram constituídas por unidades de todos os tipos desde o navio de linha ao caça-minas. As frotas que esses comboios deviam atravessar estavam infestadas pelos submarinos. Calculava-se que, naquele fim de Outono, se encontravam a operar no Atlântico Norte pelo menos cem submarinos alemães.

As costas da Biscaia, onde estavam instalados os estaleiros para a construção, apetrechamento e reparação desses submarinos, ficavam no flanco do caminho que os comboios saídos dos portos britânicos deviam percorrer. Aquelas paragens eram constantemente vigiadas pelos aparelhos de longo raio de acção que a Luftwaffe destinava para espertar todos os movimentos da navegação aliada. Foi preciso cegar esse serviço aturado e persistente de vigilância, durante algum tempo, para que a marcha dos comboios aliados não fosse pressentida. Dessa tarefa exigente se encarregaram o Almirantado britânico e os comandos da Aviação Naval e da Aviação costeira.

Antes que os comboios se pusessem em movimento as patrulhas ofensivas da Grã-Bretanha e dos Domínios iniciaram uma acção concertada contra os aparelhos inimigos de grande raio de acção e contra os submarinos alemães, distraindo-os da sua missão essencial de vigilância. Gracias à acção persistente dessas patrulhas e dos navios ligeiros de superfície, que os Aliados utilizaram para esse fim, os comboios saídos da Grã-Bretanha puderam chegar a uma zona perigosa do Atlântico sem ser vistos ou pressentidos.

A TAREFA DE DISSIMULAÇÃO REALIZADA PELAS AUTORIDADES ALIADAS

Havia, porém, a passagem obrigatória de Gibraltar, neste só um dificuldade se poderiam ocultar os movimentos dos comboios aliados e das suas escoltas. Embora no pórtico os ingleses tivessem montado uma camuflagem perfeita, não era possível evitar a vigilância dos observadores das potências do Eixo que haviam transformado a cidade de Algeiras num excelente pósto. Os agentes alemães e Italianos começaram, no dia 5 de Novembro, a assinalar a entrada no estreito de Gibraltar de numerosos transportes de tropas e de vários navios de guerra de grande valor militar.

Estas notícias começaram a ser publicadas nos jornais de todo o mundo e produziram, como é natural, uma profunda impressão especialmente na Alemanha e em Itália. Os Aliados fizeram, então, espalhar, e esta versão acabou por ser consagrada em Berlim e Roma, que se preparava um poderoso ataque a Dakar. Os jornais ingleses e americanos publicaram, com carácter sensacional, notícias sobre a iminência dum grande desembarque de forças americanas na Libéria. Efectivamente, neste país haviam desembarcado alguns dias antes contingentes americanos. Mas nem esses contingentes eram em número suficiente para tentar um desembarque em força, nem se lhes tinha assinalado a realização dessa tarefa. De qualquer maneira, os dirigentes do Eixo acreditaram que era um desembarque em Dakar que os anglo-americanos estavam prestes a realizar, e trataram de tomar as medidas de precaução necessárias para o evitar ou, no caso de ele se produzir, para o enfrentarem com êxito.

O governo de Vichy recebeu indicações para que de Dakar fossem evacuadas todas as mulheres e crianças. A imprensa alemã recebeu instruções para afirmar que, na impossibilidade de abrir um segunda frente no continente europeu e perante a insistência cada vez mais premente da Rússia, os anglo-americanos se tinham resignado a tentar uma diversão na África Occidental francesa a fim de darem uma satisfação à opinião publica na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, a qual se mostrava cada vez mais alarmada com a marcha dos acontecimentos.

A MISTERIOSA MISSÃO DO GENERAL CLARK

Os jornais Italianos vieram aumentar a confusão, de maneira irremediável, pouco a circular uma versão, que era o produto dos receos consprensáveis dos dirigentes fascistas, segundo a qual estava iminente a saída de Gibraltar um grande comboio que devia seguir para o Mediterrâneo a fim de socorrer a população de Malta, que se encontrava numa situação desesperada.

Esta série de versões contraditórias davam a medida da desorientação que reinava nos países do Eixo quanto às verdadeiras intenções dos anglo-americanos e confirmava inteiramente a existência de um segredo exemplarmente guardado nos meios militares e oficiais da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Revelações feitas posteriormente sobre as diligências preparatórias do desembarque mostraram que este foi precedido de uma aventura romanesca cujo principal protagonista, o general norte-americano Mark Clark, havia, mais tarde, de conhecer uma



Mark Clark, chefe da missão americana que foi a Argel conferenciar com oficiais franceses, para acertar o desembarque aliado no Norte de África.

justa e merecida celebridade pela acção que desenvolveu no teatro de operações do Mediterrâneo.

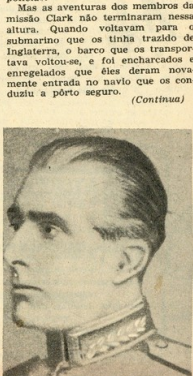
Algumas semanas antes de se terem iniciado os preparativos para o desembarque, um submarino inglês, favorecido pela escuridão da noite, desembarcou num ponto da costa da África Francesa um grupo relativamente numeroso de oficiais do exército e da armada britânicos e americanos. Entre estes generais contavam-se o adjunto do general Eisenhower, Mark Clark, o brigadeiro Lemnitzer, os coronéis Hamblen e Holmes, estes americanos, e os capitães Courtney e Livinsgton e o tenente Foot, de nacionalidade inglesa. Estes oficiais tinham-se encarregado voluntariamente duma missão difícil e arriscada de cujo êxito ia depender a sorte da operação encarada pelos chefes militares dos dois países.

UMA AVENTURA ROMANESCA QUE FICOU NA HISTORIA

A missão chefiada pelo general Clark procurava avistar-se com um grupo de quatro oficiais franceses que, por delegação do general Henri Giraud, deviam assentar com ele as condições práticas em que o desembarque teria de se realizar. O encontro deu-se, de noite, numa casa isolada dos arredores de Argel, especialmente escolhida e preparada para esse efeito, dada a vigilância especial e aturadíssima de que eram objecto, por parte dos agentes do Eixo e da policia francesa ao ordeno do governo de Vichy, todos os oficiais, e especialmente os de patente elevada, que se haviam tornado suspeitos por qualquer motivo. Ao descrever, mais tarde, esta epílogo, o general Eisenhower acrescentou os seguintes pormenores, que oferecem um incontestável interesse:

«Du casa onde se efectuava a reunião tinham sido previamente afastados todos os criados árabs.

Más, a meio da reunião, entraram vários elementos da policia de Vichy que pretendiam passar uma busca, o que lhes foi consentido. Os oficiais franceses, que tinham comparecido à reunião de grande uniforme, mal tiveram tempo para envergar trajes civis enquanto os seus camaradas ingleses e americanos se refugiavam nos armários, e foram encherados e enredados que eles deram novamente entrada no navio que os conduzia a pórtico seguro. (Continua)



O marechal «Sir C. L. Courtney, chefe da missão americana»

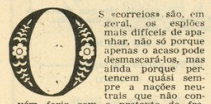



A MELHOR PASTA PARA HIGIENE DA BOCA

11 CURIOSIDADES DE CUE PARA O ESPÍO-CORREIO DE NANTES E O HOMEM DE PARIS POR TITE GODEFRE

I — ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE.
 II — O ESPIONAGEM FRENTE A MARTELL.
 III — EFICIÊNCIA DA ESPIONAGEM. IV — ARMAS SECRETAS. V — TINTA SIMPÁTICA. VI — MULLER, O DANDY ROWLAND, ESPÍO POR AMOR. VII — UM ALPINETE PODE PERDER UM HOMEM. VIII — SELOS E PEQUENOS ANÚNCIOS. IX — A MÚSICA E A PINTURA AO SERVIÇO DA ESPIONAGEM. X — A BENGALA DE MR. ARCHIBALD. XI — O ESPÍO-CORREIO DE NANTES E O HOMEM DE PARIS. XII — AS SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOSTAVA DE OVOS. XIII — HISTÓRIA DA BELA LIZIE WERTHEIM. XIV — O DUPLA ESPÍO. XV — MARTA RICHER, A SEREIA FRANCESA. XVI — EMA STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO. XVII — MATA-HARI FOI PREVENIDA DUAS VEZES. XVIII — FRITZ WILHEM, DOKTOR, PROFESSOR DE ESPIONAGEM.

UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



vém ferir com o pretexto de frequentes e arbitrarias prisões, e ainda porque, em princípios são muito ríspidas as suas atitudes nos territórios onde exercem as suas missões secretas.

Uma das mais interessantes histórias que figuram nos anais das vitórias da contra-espionagem francesa sobre os "cretosos" das potências estrangeiras é, sem dúvida, a que ficou conhecida pela designação do "correio de Nantes". Vamos contá-la aqui nas suas linhas gerais, e segundo os elementos que conseguimos de vários autores, em especial os fornecidos por Lucietto nas suas "Missões Secretas".

Eis como a polícia francesa pôde prender, durante a última guerra, maior alemão, questionários que, depois de preenchidos pelos agentes sedentários, é-se encarregava de devolver ao ponto de origem.

Este moço — tinha apenas 17 anos — nunca teria despertado as suspeitas dos inspetores de Nantes se não passasse-nos naquele porto do Golfo da Goshonah, se, a cada escala do seu navio no porto, não se tivesse entregado a despesas excessivas, fora das proporções do seu salário nor-

mal. Instalava-se nos melhores hotéis, requeria os melhores restaurantes e convidava os seus amigos de bordo para pândegas que ele pagava como um pachá.

Pelos oficiais do seu navio, hábilmente interrogados, e que conheciam a família do rapaz, os polícias souberam que ele era de origem modesta. A proveniência do dinheiro que gastava sem conta não podia, pois, explicar-se normalmente.

A partir daquele momento, dois agentes foram colocados à libragem do marinheiro, com a missão de não mais o perderem de vista. As suas relações, a sua correspondência, foram submetidos a uma fiscalização particularmente minuciosa. Segundo a expressão de Lucietto, "ele vivia numa casa de vidro", sem que algum dos seus gestos fôsse ignorado pelos inspetores.

Mas nada surpreenderam. O marinheiro fôse enfiar com o seu barco, e voltou várias vezes. Em cada uma das suas escalas por Nantes começava a viver como um homem de limitados recursos financeiros, e sem que a vigilância dos polícias conseguisse descobrir qualquer coisa.

Essa boa vida havia de ser finalmente abandonada certa vez, quando o jovem marinheiro reapareceu nos cais de Nantes e aí se entregou a copiosas libações, para, nesse estado, se dirigir, cambaleando, à Posta Restante. O empregado do "gucheta" deu-lhe uma carta que ele meteu na algibeira. Depois disso, foi sentar-se na esplanada de um café próximo, onde tentou em vão abrir o sobre-crito — tal era o estado em que se encontrava...

Dissimulados atrás de um quiosque, os dois inspetores vigiavam-no mais



atentamento do que nunca, pois essa visita à Posta Restante era um facto muito estranho em virtude de ser hábito dos embarcados que a sua correspondência seja recebida a bordo. A polícia sabia muito bem que a cada escala de navio no porto de Nantes, o comissário de bordo ia ao correio, recebia toda a correspondência para a tripulação e distribuída a bordo aos seus destinatários.

Sob um pretexto ainda não conhecido, os dois inspetores iam aproximados do marinheiro e interrogá-lo (bem contra vontade, aliás, pois a tática da contra-espionagem nesta matéria é a de não se descobrir senão quando a actividade do espião já está comprovada e identificadas as entidades com quem se corresponde) quando um incidente providencial se produziu. O criado do café, chamado pelo marinheiro, replicou-lhe que não servia os frequentes quando estavam em completo estado de embriaguez. Ora esta resposta teve o condão de exasperar o rapaz, que, atirando-se ao criado, se preparou para lhe chegar a roupa ao pélo.

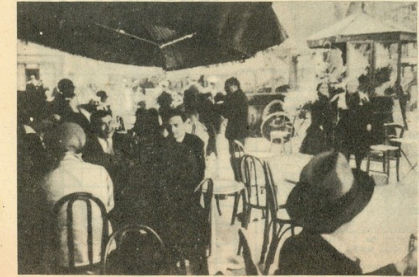
A disputa chamou a atenção de um sargento, que prendeu o brigão e o levou à esquadra de polícia mais próxima, onde os nossos dois inspetores tiveram o cuidado de prendê-lo para darem certezas e discretas instâncias ao chefe da esquadra. Este disse ao delinquente que se tinha colocado em má situação, porque as leis contra os casos de embriaguez pública eram muito severas em tempo de guerra — e que era obrigado a mantê-lo preso para no dia seguinte ser interrogado, quando lhe tivesse passado o vinho... O marinheiro não desajurava outra coisa — mas se encontrou na cela,

deitou-se, e ficou como morto num sono de chumbo.

A carteira continha a bonita soma de 17.000 francos; a carta suspeita, fora enviada de Paris — como se viu pelos carimbos — e escrita em linguagem cifrada, sem assinatura nem endereço do remetente. Tratava-se, portanto, de um espíio-correio que a Polícia tinha nas mãos. Mas isso não era suficiente. Era preciso conhecer o "homem de Paris", o espíio sedentário que na capital tinha provavelmente o segredo de toda uma tela de espionagem de onde fazia chegar esclarecimentos para o correio de Nantes.

E a polícia decidiu-se a jogar uma grande cartada... No dia seguinte, foi dito ao prélio que, tendo em conta pertencer a uma nação neutra, com a qual o governo francês tinha as melhores relações, se decidira perdê-lo. Assim, o nosso marido foi-se em completa liberdade, levando na sua algibeira a famosa carta cujo texto, decifrado durante a noite, tinha revelado ser uma resposta a um questionário expedido de Nantes poucas dias antes. Bem entendido, certos pormenores introduzidos pelos inspetores nessa carta, falsavam o sentido exacto de alguns dos mais perigosos esclarecimentos.

Boa viagem — disse ao marinheiro o chefe da esquadra — e bom regresso! Era com esse regresso que os Serviços Secretos contavam para conhecerem o "homem de Paris" e fechar-lhe o cerco. Bem entendido, certos pormenores introduzidos pelos inspetores nessa carta, falsavam o sentido exacto de alguns dos mais perigosos esclarecimentos. E o João não falou! Sete semanas depois, reapareceu no porto de Nantes o navio do nosso marinheiro. Mal desembarcou, foi passar para o cais, nas cercanias de um marco pos-



UMS ASPECTOS DO PORTO DE NANTES — OS PEQUENOS E OS GRANDES BARCOS, O TERRAÇO DE DE CAXE E CARACTERÍSTICAS TAO ACENTUADAS...



PASSATEMPO



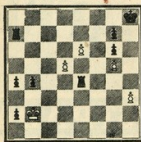
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

XADREZ

ESTUDO N.º 20

Por A. TROSTZKY

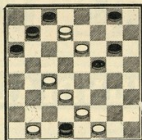


As brancas jogam e ganham.

DAMAS

PROBLEMA N.º 24

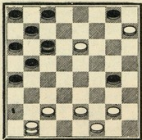
Por António Joaquim Belou (Portalegre)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 25

Por José Baptista Afonso (Caminha)



Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 21

15-19	22-12	4-11	25-29
23-14-15	16-7	18-0	8-4

20-25	25-11	ganham.	
4-14	P.		

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 22

1.ª hipótese			
22-27	2-5	21-26	9-13
31-22	16-27	30-21	17-10
5-14-23-30			
P. ganham.			

2.ª hipótese			
22-26	2-5	21-26	9-13
29-22	16-27	30-21	17-10
5-30			
P. ganham.			

SOLUÇÃO DO FINAL N.º 15

1.ª hipótese			
26-21	21-17	17-6	6-11
18-13	13-10	25-21	21-17
11-16 ou 16			
P. ganham.			

2.ª hipótese			
26-21	21-17	17-6	6-11
18-13	13-10	23-19	P. E.

PASSATEMPO

ANAGRAMA

Com as letras a seguir designadas (gramar):

- 1) Um rio de Portugal: O TRAVA
- 2) Uma cidade portuguesa: BOCA RIM
- 3) Uma serra de Portugal: CURA O MAL
- 4) Um rio de Inglaterra que banha Oxford, Reading e Londres: MATISA
- 5) Um grande rio que nasce na Floresta Negra e banha Viena, Budapeste e Belgrado: DA BOI NU

MATISA

6) Um rio de Portugal: O DURO

7) Uma cidade do Brasil: E RI JA DO REINO

8) Serra de Portugal: AREI

RECREAÇÃO MATEMÁTICA

Soluções

O matemático consegue saber a quem pertencem os objectos pelos números que ficam, conforme o quadro que segue:

Lépis	Borracha	Aparato	Restos
António	Joaquim	Zacarias	= 0 números.
António	Zacarias	- Joaquim	= 2 números.
Joaquim	Zacarias	António	= 4 números.
Joaquim	António	Zacarias	= 1 número.
Zacarias	António	Joaquim	= 5 números.
Zacarias	Joaquim	António	= 6 números.

MEDICINAL
PASTA **COURO**

TRATA gengivas doerrocadas ou sangrentas

EVITA estomatites mercuriais ou biarmuticas

MATA as microbias da boca, que dão causa a tantas doenças graves

Medicinal pequena — tubo 10\$50
 Medicinal grande — tubo 16\$00
 Vulgar pequena — tubo 4\$00
 Vulgar grande — tubo 7\$00

palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 20 (Concurso)

Por Nicolau F. Tejo de Moraes (Viseu)

ENUNCIADO

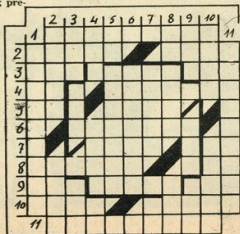
HORIZONTAIS: 1 — Dissoluto. 2 — Aparente; aprisco. 3 — Escarneces; pre-sença em lugar diverso do do crime na ocasião em que foi cometido; ainda. 4 — Consistes; multido de alarves. 5 — Nome de letra; menino. 6 — Bofetadas. 7 — Erudito; íntegra. 8 — Aparelho; o espaço sobre a terra. 9 — Preposição e artigo, pl.; dificuldades; feche as asas para descer mais depressa. 10 — Nação da Índia ulterior; séries. 11 — Que tem olhos azuis claros.

VERTICAIS: 1 — Garafas. 2 — Sublínhe; vultimbre. 3 — Tape-caria de Arrás; génio; malícia. 4 — Planta frutífera do Brasil; grande fera do Brasil, pl. 6 — Séries de aventuras ou feitos heróicos. 7 — Pregão; contração de pronomes. 8 — Letra grega; nome de mulher; realidade. 9 — Planta labiada; vivacidade; exactamente assim, lat. 10 — Nome de diversas plantas brasileiras; insolente. 11 — Verificares.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 19

HORIZONTAIS: 1 — Reconstitua. 2 — Idosa; mamam. 3 — Zé; urro; ta. 4 — Om; la; re. 5 — Fa; is. 6 — Os; arre; la. 7 — Ra; eu; ar. 8 — A. C. ci; li. 9 — Ce; ar; ma. 10 — Eis; má; dom. 11 — Arieite; macaco. 11 — Sacrificas.

VERTICAIS: 1 — Risofofocica. 2 — Edemas; acetra. 3 — Co; sic. 4 — Os; ar. 5 — Nau; li. 6 — Ri; recame. 7 — Ra; ruitam. 8 — Imo; A. C. 9 — Ta; ci. 10 — Um; dar. 11 — Iatria; almoça. 12 — Amassa-tamos.



Tiká
MATA

PERCEVIZES BARATAS PULGAS TRAÇA

Malhas LOCITAY



NA CIDADE
NO CAMPO
NA PRAIA

Malhas LOCITAY

REVELAM
DISTINÇÃO
E BOM GOSTO

A VENDER NAS MELHORES CASAS



Cana Imperial



ou café



ou coque



Se ao café nada o iguala no seu precioso aroma e paladar, só, ou com água gazificada, antes, ou após as refeições, é um excelente digestivo, incorporável succedâneo de Whisky e, no verão um óptimo refrigerante, especialmente quando beneficiado pelo frio. Sendo um produto de massa alta catagórica, pode hoje ser servido quente ou frio em grandes volumes. Mas se e não satis fazer a "Velha" ou a "Extra-Velha", peça a "Grande Velha" e terá fruído o produto mais delicioso que jamais se lhe deparou. Pedir uma CANA IMPERIAL, é dar uma nota do mais requintado distincão.

Distribuidores Aquem-Mondego

J. SALLES CALDEIRA, L.^{DA}

RUA ALVES CORREIA, 100 - LISBOA - Telefone 2 8753

Móveis Decorações

EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR

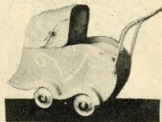


PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

ARMAZENS DA RUA DA PALMA
DE LOPES & PINTO, L.^{DA}

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 2 8551

CARRINHOS PARA BEBES e cadeirinhas



Fabrinca

os melhores

a pronto ou com
facilidades
de pagamento

COSTA & SILVA, L.^{DA}

R. Arco do Bandeira, 79, 1.^o
LISBOA Telefone 2 6713
(atende-se a provincia)



O ENCANTO NATURAL DA
MULHER QUE QUERE CON-
SERVAR A SUA BELEZ!

HUMORISMO.



— Digo-te a ti, em segredo, porque sou teu amigo: preciso de mil-cen-tos escudos!
 — Homem, confia em mim, foi como se não me dissesse nada!



— Estas meias são as de melhor qualidade do mundo!
 — Mas não gosto da cor...
 — Temos outras melhores...



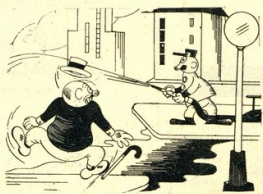
O COMPRADOR DO CARRO:— O senhor disse que me trocaria as peças que precisassem de ser substituídas antes de um ano...
 O VENDEDOR:— Ora essa, que peças deseja?
 O COMPRADOR:— Uma perna e um braço.



— Vamos, senhoras, a ver se nos deixa lutar em paz!



A CLIENTE:— Quero uma fotografia para cartão de idad: dade...



Todos os dias, o senhor vai para a sua casa com os sapatos muito bem engraxados...
 E ainda há quem diga que os livros são os melhores amigos do homem!...



O sonho do prestigitador...



ELAS — Nunca se sabe no que elas pensam...